

# ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: RECONHECIMENTO DO PRECONCEITO E POSSIBILIDADE DE TRABALHO COM A VARIEDADE PADRÃO

**Andreia Rezende Garcia Reis\***  
andreiargarcia@yahoo.com.br

**Mariana Altomar Barbosa\*\***  
marialtomarbarbosa@gmail.com

\*Doutora em Linguística pela UFRJ e professora na Faculdade de Educação da UFJF.

\*\* Graduada em Pedagogia pela FMG.

**Resumo:** O presente estudo apresenta algumas discussões sobre a variação linguística da língua portuguesa falada no Brasil, sobre o preconceito linguístico com relação à fala desprestigiada e discute também sobre uma possível mudança na formação e nas práticas do professor. Este artigo tem como objetivos: (i) possibilitar a tomada consciência do preconceito linguístico existente na sociedade, (ii) confirmar que esse preconceito dificulta a aquisição de novas habilidades linguísticas pelos alunos e (iii) incentivar os professores a trabalharem com as variedades linguísticas em sala de aula. Assim, as aulas de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental devem fazer com que os alunos possam conquistar habilidades linguísticas de prestígio social. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e com ênfase nas propostas teórico-metodológicas apresentadas por Magda Soares, Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Sírio Possenti, entre outros.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Preconceito linguístico. Escola. Professor.

## **Practices in teaching the Portuguese Language: recognition of prejudice and application of linguistic varieties**

**Abstract:** This article encompasses some discussions about linguistic varieties of Brazilian Portuguese, the prejudice towards the discredited speech language, as well as thoughts on a possible change in education and teacher practice. The purpose of this study is to: (i) enable the recognition of linguistic prejudice, (ii) confirm the difficulty that students have to gain new language skills and (iii) encourage professionals to work with language varieties in class. So in this sense, teachers of Brazilian Portuguese should provide students with tools for them to acquire language skills of social prestige at the beginning of elementary school. This is a bibliographical study, which emphasizes theoretical and methodological proposals discussed by Magda Soares, Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Sírio Possenti and others.

**Keywords:** Linguistic variety. Linguistic prejudice. School. Teacher.

## **Introdução**

O ensino de Língua Portuguesa tem sido tema de muitas reflexões de pesquisadores nos últimos anos, isso está ocorrendo porque eles estão cada vez mais preocupados em oferecer aos alunos a possibilidade de reflexão sobre as diferentes variedades linguísticas e a possibilidade de adequação do registro à situação.

O Brasil é um país de diferentes variedades linguísticas, por isso, não podemos desconsiderá-las quando pensamos em ensino de Língua Portuguesa. É de extrema importância que os professores e as escolas tenham consciência dessa diversidade linguística, pois essa variedade pode influenciar muito no processo de ensino-aprendizagem.

A não aceitação da variedade linguística muitas vezes pode acabar gerando o preconceito linguístico, que acontece quando a escola ou o professor acreditam na homogeneidade da língua, ou seja, não aceitam que a língua varia e que existem diferentes formas de falar.

Este artigo visa possibilitar a tomada consciência do preconceito linguístico existente na sociedade e reafirmar que esse preconceito dificulta a aquisição de novas habilidades linguísticas pelos alunos, além de incentivar os professores a trabalharem com as variedades linguísticas em sala de aula. Trata-se de um estudo com caráter bibliográfico e com ênfase nas propostas teórico-metodológicas apresentadas por Magda Soares, Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Sírio Possenti, entre outros.

## **1. A variedade linguística do português e o preconceito linguístico**

A variação linguística está muito ligada aos problemas de diferenças na fala e na escrita. Essas diferenças devem-se às transformações que ocorrem nas línguas ao longo do tempo, no entanto, essas transformações não devem ser vistas como erro e sim como um uso diferente da língua.

Existem muitas variações da língua portuguesa no Brasil, mas tradicionalmente elas são consideradas numa escala valorativa, por exemplo, a língua padrão é equivocadamente considerada como a língua do português correto, enquanto as outras, de menos prestígio, são tidas como erradas.

Segundo Bagno (2004), a língua falada é que é a verdadeira língua natural do indivíduo, a língua que o sujeito aprende na realidade em que vive, e que está em constante transformação. Por isso, não existe erro em língua, só se pode caracterizar um erro, quando a comunicação entre os interlocutores é comprometida.

Para o autor, ninguém fala errado porque quer ou porque é burro, as pessoas simplesmente obedecem às regras gramaticais da variedade de sua língua, realizando uma pronúncia sistemática, assim, pronunciam as palavras sempre da mesma

maneira, não por preguiça ou por falta de inteligência, mas por acharem que essa é a forma correta de falar.

Para Bortoni-Ricardo (2004), os principais fatores responsáveis pela variação linguística são: os grupos etários: em uma mesma família, de uma mesma região, os avós falam diferente dos filhos e dos netos; o gênero: as mulheres costumam usar mais diminutivos, e a linguagem dos homens é mais marcada pelos palavrões ou gírias; o *status* socioeconômico: diferenças que representam desigualdades na distribuição de bens materiais que acabam refletindo em diferenças sociolinguísticas; o grau de escolarização: os anos que um indivíduo frequentou a escola interfere diretamente em seu repertório linguístico; e a rede social: indivíduos de uma mesma classe social adotam comportamentos semelhantes, inclusive características de seu repertório sociolinguístico.

Na perspectiva de Bagno (2006), essa diversidade e variabilidade muitas vezes geram o preconceito linguístico, que pode ser compreendido como uma avaliação negativa da fala de um indivíduo. Esse preconceito vem principalmente daqueles que defendem a homogeneidade linguística, ou seja, ignoram a grande diversidade de dialetos que compõe a língua portuguesa falada pelos brasileiros.

O preconceito linguístico existe para com a fala de determinadas classes sociais e também em relação à fala característica de certas regiões, como é o caso da fala nordestina, em que na maioria das vezes essa fala é motivo de riso e de deboche por parte de muitos outros brasileiros. Isso acontece porque o Nordeste é uma região estigmatizada como pobre, atrasada e subdesenvolvida, se comparada à região Sudeste do país, concepção esta que vem passando por transformações ao longo dos últimos anos.

Bagno (2006) defende que temos que acabar com a vontade de eleger um único local que fala "melhor" o português e outro que fala "pior", pois só assim passaríamos a respeitar igualmente todas as variedades da língua. Todas elas têm o seu valor, são instrumentos plenos de comunicação e de relação entre pessoas que as falam.

O preconceito linguístico é, na verdade, um disfarce do preconceito social, pois não é apenas a linguagem da pessoa que é discriminada, mas sim a própria pessoa, pela sua situação econômica, geográfica, cor da pele, etc. Podemos afirmar, então, que o preconceito linguístico é apenas um dos preconceitos embutidos num profundo e complexo preconceito social instaurado na sociedade brasileira.

## 2. O preconceito linguístico na escola

Para entendermos uma das causas do fracasso escolar, da evasão e da indisciplina de muitos alunos pertencentes às camadas populares, podemos pensar na linguagem utilizada nas escolas.

Segundo Soares (1995), nossas escolas ainda estão longe de ser uma escola para todos, pois têm se mostrado incompetentes para lidar com a educação das camadas populares, acentuando cada vez mais as desigualdades sociais. Para a autora, é o uso da linguagem na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre os grupos sociais, gerando discriminações e fracassos, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada.

Portanto, é fundamental que a escola reconheça que existem as variações linguísticas e busque soluções para os problemas linguísticos que nela ocorrem, não impondo e aceitando somente a língua padrão, mas também incluindo a linguagem popular, ao invés de supervalorizar a gramática normativa. Isso porque esta, na maioria das vezes, não corresponde às necessidades de uso da língua portuguesa do Brasil, pois é baseada na norma gramatical de Portugal e as regras que são ensinadas na escola em muitos casos não correspondem à língua falada e escrita no Brasil.

A escola e os professores devem então estar atentos ao preconceito linguístico, e para isso Bagno (2005) propõe um ensino crítico da norma-padrão, em que a escola dê espaço para todas as manifestações linguísticas possíveis: rurais, urbanas, formais, informais, cultas, não cultas, orais, escritas, etc. Assim, quando o aluno tem contato com todas as variações linguísticas, pode ter a possibilidade de escolha ao se expressar nas diferentes circunstâncias de interlocução.

Para Bortoni-Ricardo (2006), a escola não pode ignorar que existem as diferenças sociolinguísticas. Segundo a autora, os professores devem mostrar aos alunos que existem várias formas de se dizer a mesma coisa, sendo que cada forma é recebida de maneira diferenciada, algumas geram prestígio e outras uma imagem negativa do falante.

A grande tarefa da escola com relação ao ensino de língua é ensinar e propor a reflexão da norma padrão, já que só se ensina algo que ainda não é sabido, mas para isso não é necessário a exclusão e a rejeição ao dialeto utilizado pelo aluno. O papel da escola é o de acolher e respeitar os diferentes dialetos, mas ao mesmo tempo possibilitar o aprendizado e o reconhecimento das diferentes variedades linguísticas, como forma de incentivar a aquisição de novas habilidades de uso da linguagem.

### 3. Na sala de aula: possibilidades de mudança nas práticas do professor

Muitos professores ainda não estão conscientes da existência da variação linguística e consideram que os alunos falam “errado” e acham que devem ensinar somente a nomenclatura gramatical por meio de métodos tradicionais, se esforçando para que os alunos conheçam de cor o nome de todas as classes de palavras e que saibam identificar todos os termos da oração. Ora, isso não é garantia de que esses alunos irão se tornar bons usuários da língua de prestígio social.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997) - PCN's - LP - defendem que o trabalho didático em torno das atividades de análise e reflexão sobre a língua deve privilegiar as atividades epilinguísticas, ou seja, aquelas em que o uso da língua por falantes e escritores seja objeto de estudo nas aulas. As atividades de análise e reflexão metalinguísticas, aquelas em que o foco é a classificação e a nomeação dos termos da língua, em que são utilizados termos específicos, devem ser atividades periféricas, ou seja, não devem ser tratadas como principais. Nessa perspectiva, as atividades epilinguísticas devem anteceder a reflexão metalinguística, de modo que o esforço e o tempo dedicado a elas sejam maiores.

Para Bagno (2006), os professores devem conscientizar seus alunos de que eles devem achar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade, tentando adequar-se à situação de fala. Se for uma situação formal, em que os interlocutores são pouco conhecidos, o assunto for mais “tenso” e merece maior zelo ao ser tratado, tentar usar uma linguagem formal, mas, por outro lado, se for uma situação descontraída, pode-se usar uma linguagem mais descontraída. Assim, com essa adequação, conseguiremos ser aceitos por parte de nossos interlocutores.

Nessa perspectiva, o educador estará valorizando e respeitando o repertório linguístico do educando e, ao mesmo tempo, permitindo o contato com outras formas linguísticas, com o intuito de possibilitar a aquisição de novos conhecimentos e habilidades linguísticas.

Para Bortoni-Ricardo (2006), os professores precisam buscar desenvolver uma pedagogia que seja culturalmente sensível aos saberes dos educandos, que esteja atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a cultura adotada pela escola, como uma forma de conscientizar os educandos sobre as diferenças tanto culturais quanto linguísticas.

Os professores, ainda segundo a autora, quando se depararem com algum aluno utilizando uma regra não-padrão, precisam, primeiro, identificar a diferença, para, em seguida, conscientizar-se da diferença. Ou seja, quando o aluno não monitora sua fala no momento em que deveria monitorá-la, o professor deve identificar isso, deve perceber que ele não está conseguindo se adequar, para que no segundo momento, na fase da conscientização, o professor possa falar com o aluno que ele não utilizou a variação mais adequada para o momento e/ou lugar. Mas, segundo Bortoni-Ricardo (2006), a identificação da diferença linguística pode ficar prejudicada quando o professor não está atento à fala do aluno ou pelo desconhecimento da regra por parte dele, se tornando algo “invisível”. A conscientização da diversidade linguística gera novas práticas docentes, pois o professor deve conscientizar-se e conscientizar o aluno de que existem diferenças linguísticas, para que este possa conseguir se monitorar quando necessário. Essa conscientização das diferentes possibilidades de uso da língua tem de dar-se sem traumas no processo de ensino-aprendizagem, pois expor o aluno e tratá-lo inadequadamente pode causar insegurança e até mesmo desinteresse em interagir verbalmente.

Os alunos devem se sentir à vontade para falar em sala de aula, independentemente do dialeto usado por eles, variedade-padrão ou variedades não-padrão. Quando o aluno fizer o uso de variedades não-padrão, o professor pode retomar a fala do aluno e utilizar a norma-padrão para que possam comentar sobre as diferenças das duas variantes, permitindo assim que o aluno perceba a variação linguística e consiga ter um pensamento crítico sobre as diferenças linguísticas (BORTONI-RICARDO, 2006).

O professor deve trabalhar de forma contextualizada, associando a fala e a escrita nos processos de ensino e de aprendizagem. Dentro dessa perspectiva, estará contribuindo para a participação ativa dos alunos pertencentes às camadas populares no contexto escolar e social, pois estará oferecendo oportunidade para eles conhecerem a língua padrão sem desprezarem seu dialeto. Quando o professor abre espaço para o diálogo, para a troca de experiências, ele consegue alcançar seus objetivos, focados em uma aprendizagem significativa para seus alunos.

O educador precisa propor práticas orais em sala de aula, para que ele consiga obter esse diálogo entre os alunos, nas quais eles reflitam sobre essas práticas e desenvolvam novas habilidades. Com isso, será possível mostrar em que ocasiões devemos monitorar nossa fala, por exemplo, em uma apresentação de trabalho, ao

darmos um recado da direção da escola à turma, ao participarmos de um debate previamente planejado, entre outras.

### Considerações finais

Alguns professores ainda não estão totalmente conscientes de que não existe erro de português, o que existe são variações linguísticas. Assim, continuam ensinando e privilegiando o trabalho com as nomenclaturas gramaticais. Os educadores devem conscientizar-se de que a língua muda e, portanto, varia, e que todo falante de uma língua materna sabe falar essa língua.

É necessário que se trabalhe nas escolas as diferentes variedades linguísticas, valorizando a linguagem de cada aluno, evitando assim o preconceito linguístico. O preconceito linguístico acontece quando a escola e os professores supervalorizam a linguagem padrão e elitista. Portanto, é fundamental que os educadores repensem suas práticas pedagógicas e passem a considerar o repertório linguístico dos seus educandos e o valorize. Para isso, os professores precisam sempre conhecer e atualizarem-se quanto aos novos estudos da linguística aplicada e da sociolinguística, através de sua formação continuada, participando de cursos, congressos, palestras, projetos de pesquisa e outros, de modo que possam refletir sobre essa temática.

É preciso levar os alunos a perceberem que eles podem adquirir conhecimentos linguísticos que os possibilitarão usar a linguagem adequada de acordo com o contexto social no qual estiverem inseridos. Os professores devem valorizar os conhecimentos linguísticos prévios dos educandos, pois eles trazem consigo uma cultura e um dialeto que a escola não pode desvalorizar, mas isso não significa trabalhar apenas com tais conhecimentos, uma vez que é preciso ampliar o repertório linguístico dos alunos.

A grande tarefa da escola com relação ao ensino de língua é ensinar e propor reflexões sobre as normas urbanas de prestígio social, já que só se ensina algo que ainda não é sabido, mas para isso não é necessário a exclusão ou a rejeição ao dialeto utilizado pelo aluno.

### Referências

BAGNO, Marcos. A norma oculta. *Língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 47.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, 1997.

LEITE, Lígia Chiappini. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 4.ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

NARO, Anthony e SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Varição Linguística, expressividade e tradição gramatical*. In: GORSKI, Edair Maria e COELHO, Izete Lehmkuhl. *Sociolinguística e ensino. Contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 12. reimpressão. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sobre o ensino de português na escola*. In: GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 4.ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 13.ed. São Paulo: Ática, 1995.